
Transformação de Hábitos pelo Potencial de Significados do Filme-Anime *Your Name*: a Comunidade Otaku no Brasil e o Encontro de Culturas¹

Andre Luis dos SANTOS²

Maria Ogécia DRIGO³

Universidade de Sorocaba, Sorocaba, SP

Resumo

Este artigo, que apresenta resultados de pesquisa envolvendo o conceito de comunidade em Peirce, objetiva explicitar o potencial de significados do filme *Your Name*, postos em circulação entre fãs de cultura japonesa, os *Otaku*. Para tal, a análise semiótica – de *frames* do filme – vai além da proposta de Santaella (2007) por empreender um inventário de interpretantes latentes no interpretante imediato e alcançar os interpretantes dinâmicos, vistos em comentários dos *Otaku*, na plataforma *YouTube* e, a partir desses, explicitar possíveis tendências para o interpretante final, método que desenvolvemos na pesquisa mencionada. Destaca-se que os interpretantes emocionais, energéticos e lógicos atualizados demonstram a capacidade da comunidade de operar os signos vinculados ao filme, aumentando o nível de inteligibilidade para com ele e a firmando como uma comunidade, no sentido peirceano.

Palavras-Chave: Comunidade; Análise Semiótica; Teoria dos Interpretantes; *Otaku*; *Your Name*.

Introdução

Este artigo é parte de uma pesquisa maior, ainda em curso, que visa compreender a Comunidade como fora visionada por Charles S. Peirce, e a proximidade da comunidade de fãs de cultura japonesa no Brasil para com esse conceito. Pesquisas sobre os *Otaku* – a auto-denominação de tais grupos de fãs – não é atividade recente, mas seu foco ainda é disperso, hora examinando a comunidade do ponto de vista do consumo, hora como manifestação identitária, hora como fenômeno social.

Com o lançamento do filme *Your Name*, em 2016, o produto de entretenimento japonês alça uma popularidade que ainda estava restrita ao círculo *Otaku*. Sendo exibido nas salas de cinema brasileiras e entrando oficialmente para o catálogo de filmes da plataforma *Netflix*, tornou-se uma das obras japonesas de mais fácil acesso no país, algo que apenas alguns poucos filmes japoneses já puderam desfrutar. Mais ainda, *Your Name* pôde ingressar no país quase intocado do original japonês, mantendo a trilha sonora em

¹ Trabalho apresentado no GP Semiótica da Comunicação, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Uniso. Aluno bolsista CAPES, código de Financiamento 001. E-mail: eu@andresantos.jor.br.

³ Docente do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba. Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC/SP e pós-doutora pela ECA/USP, e-mail: maria.drigo@prof.uniso.br.

japonês e os nomes originais das personagens e locações, algo que nem sempre é possível, graças à importação das versões “ocidentalizadas” intermediadas pelo cinema americano.

Desta forma, o filme constitui um interessante objeto de pesquisa. Sua popularidade trouxe muitos novos membros à comunidade *Otaku*, que passaram a assistir obras similares depois de experimentarem o filme, mas também tornou-se um marco dentro da própria comunidade, que raramente recebe produtos japoneses com a qualidade e rapidez desejada por meio de canais oficiais. No entanto, antes de dar início à análise, é necessário apresentar um pouco sobre a obra em si.

Your Name é um romance entre adolescentes de realidades opostas. Mitsuha e Taki vivem em cidades radicalmente diferentes (ela, numa pequena vila rural e tradicionalista, ele na agitada Tóquio) e lidando com os desafios da adolescência (ela, com a ausência de romance e sonhos em sua vida; ele, com uma paixão por uma mulher mais velha). Tudo muda quando, inesperadamente, passam a trocar de corpo (vivendo “na pele” do outro) alguns dias por semana. Incapazes de imitarem totalmente o comportamento do outro, a troca transforma suas vidas, conforme Mitsuha consegue se aproximar da paixão de Taki e o garoto consegue impor respeito entre os colegas de classe da menina. No entanto, é quando percebem que estão se apaixonando um pelo outro, o fenômeno cessa, e cabe ao casal finalmente se encontrarem pessoalmente.

Este artigo tem como propósito explicitar o potencial de significados do filme *Your Name*, gerados na comunidade de fãs de cultura japonesa *Otaku*. Para tanto, a análise semiótica envolve um inventário de possíveis interpretantes – no nível do interpretante imediato –, a análise de interpretantes dinâmicos atualizados - vistos em comentários postados pelos integrantes da *Otaku* na plataforma YouTube – e o desenho de uma possível tendência para o interpretante final, método que desenvolvemos na pesquisa mencionada e que vai além das estratégias propostas por Santaella (2006). Para tanto, apresentamos também reflexões sobre o conceito de comunidade e a teoria dos interpretantes de Peirce.

Após um breve resumo da obra e postos os objetivos do artigo, passemos às bases teóricas e metodológicas que embasam nossas análises.

2. Aportes Teóricos

Ao identificar toda a experiência fenomenológica como pertencente à apenas três categorias básicas, o lógico americano Charles Sanders Peirce e sua semiótica não à

língua, mas à lógica (CP 1.545). De fato, entre as várias definições de “signo” apresentadas por Peirce, era de preferência do semiótico as mais abstratas, como em:

Um signo, ou *Representamen*, é um Primeiro que se coloca numa relação triádica genuína tal com um Segundo, denominado seu Objeto, que é capaz de determinar um Terceiro, denominado seu Interpretante, que assuma a mesma relação triádica com seu Objeto na qual ele próprio está em relação ao mesmo Objeto. (CP 2.274).

Aqui é necessário explicar que “Interpretante” e “mente” não são sinônimos, embora Peirce – em seu desespero por ser entendido por seus contemporâneos – tenha se resignado a fazê-lo algumas vezes (Hardwick, 1997). Ao invés, o signo peirceano não é uma entidade incompleta, passiva, que necessita que um intérprete venha a inserir nele o que falta, a interpretação subjetiva. Como argumenta Santaella (1995, p. 85), o signo “é capa de determinar o interpretante porque dispõe do poder de gera-lo, ou seja, o interpretante é uma propriedade objetiva que o signo possui em si mesmo, haja um ato interpretativo particular que a atualize ou não”.

Embora tenha usado com desenvoltura o termo “interpretante” já em 1867, em seu Sobre Uma Nova Lista de Categorias (CP 1.545-559), Peirce só deu atenção aos desdobramentos do interpretante em 1904, após receber o livro escrito por sua amiga pessoal, Lady Welby, para revisão, intitulado *What is meaning* (“O que é o significado”, em tradução nossa). Nesse volume, Lady Welby apresentava uma divisão entre sentido (*sense*), significado (*meaning*) e significância (*significance*), que Peirce reconheceu como análogo, embora não similar, à tricotomia de Primeiridade, Secundidade e Terceiridade. Em cartas para William James (CP 8.314-315), Peirce descreve em detalhes as aproximações e diferenças entre o pensamento de Lady Welby e uma proposta tricotomia do Interpretante, batizada por Peirce como Interpretante Imediato, Interpretante Dinâmico e Interpretante Final (CP 8.343).

Retomando grosseiramente a natureza das três categorias peirceanas, aquilo que é Primeiridade corresponde à potencialidade, qualidade, devir (CP 1.256), enquanto a Secundidade é o fato bruto, o esforço, a presença irredutível do objeto (CP 1.358) e a Terceiridade é domínio das relações, mediações, as leis e a lógica (CP 1.361). A tricotomia do Interpretante, então, encerra em si também algo que é Primeiridade (Imediato), Secundidade (Dinâmico) e Terceiridade (Final). Porém, como explica Santaella (1995), apenas o Interpretante Dinâmico é um interpretante *in concreto*, posto que é nele que pode-se divisar um impacto explícito do signo sobre a mente de um

indivíduo, enquanto o Interpretante Imediato e o Interpretante Final são *in abstracto*, encerrando em si, respectivamente, potencialidades e mudanças de hábitos, que tendem a caminhar no longo percurso do tempo (Santaella, 1995)

De fato, é por essa natureza abstrata dos interpretantes de Primeiridade e Secundidade que tomamos apenas os interpretantes de Secundidade (Interpretante Dinâmico) para a constituição desta metodologia de estudo do filme. Enquanto proposta de estudo de recepção calcado na arquitetura filosófica de Peirce, são os interpretantes dinâmicos que permanecem a nosso alcance durante a coleta de dados, já que neles encerram-se reações visíveis ao filme *Your Name* enquanto signo. Mas, ainda que abarquemos apenas os interpretantes cuja natureza reside no Segundo, traços das três categorias fenomenológicas podem ser neles encontrados, pois “o interpretante de um signo é, ele mesmo, outro signo” (CP 1.339). Não se trata aí de conclusão cíclica: Primeiridade, Secundidade e Terceiridade, como definidas por Peirce, são posições lógicas em um relacionamento verdadeiramente triádico, de forma que cada categoria mantém em si novas possíveis tricotomias, conforme cada desdobramento se posiciona em relação aos demais.

Sendo assim, o Interpretante Dinâmico aí se desdobra de acordo com suas inclinações aos sentimentos, aos esforços ou às mudanças de hábitos (MS 318, p. 244). Assim, Peirce descreve essa nova tricotomia:

O primeiro efeito significativo de um signo é o sentimento por ele provocado.... Este “interpretante emocional”, como o denomino, pode importar em algo mais do que o sentimento de reconhecimento e, em alguns casos, é o único efeito significado que o signo produz.... Se um signo produz ainda algum efeito desejado, fá-lo-lá através da mediação de um interpretante emocional, e tal efeito envolverá sempre um esforço. Denomino-o “interpretante energético”. O esforço pode ser muscular...., mas é usualmente um exercer do mundo interior, um esforço mental. Não pode ser nunca o significado de um conceito intelectual, uma vez que é um ato singular.... Mas que espécie de efeito pode ainda haver? Vou denomina-lo “interpretante lógico”.... Devemos dizer que este efeito pode ser um pensamento, o quer dizer, um signo mental? Sem dúvida pode sê-lo, só que se esse signo for de natureza intelectual – como teria de ser – tem de possuir um interpretante lógico; de forma que possa ser o derradeiro interpretante lógico do conceito. Pode provar-se que o único efeito mental, que pode ser assim produzido e que não é um signo, mas é de aplicação geral, é uma mudança de hábito; entendo por mudança de hábito uma modificação nas tendências de uma pessoa para a ação, que resulta de exercícios prévios da vontade ou dos atos, ou de um complexo de ambas as coisas (CP 5.475-476).

Assim, o primeiro tipo de Interpretante Dinâmico, o emocional, enquanto Primeiridade, não é emoção, enquanto validação positiva ou negativa, mas a qualidade de sentimento, o puro sentir, de difícil tradução. Assim como a música clássica (ou mesmo a música em língua estrangeira que não dominamos) pode proporcionar sensações de tristeza, amor ou medo apenas por pura qualidade, assim também um filme pode gerar interpretantes dinâmicos emocionais que não estão ligados à narrativa, mas à pura qualidade do filme enquanto signo.

Em seguida, o interpretante energético corresponde a um ato de energia desprendida. Seja mera reação muscular ou também a exploração e a manipulação mental ainda na seara da Secundidade. É a resistência causada pelo choque bruto dos objetos do mundo exterior sobre a mente, a ansiedade pelo próximo capítulo de uma novela, o pulo quando o monstro surge na tela ou o roer de unhas frente à possibilidade de derrota do herói. De fato, até mesmo a reação de não-interação com um filme (levantar e sair da sala de cinema) é um interpretante dinâmico energético.

Por fim, o interpretante lógico é o pensamento ou entendimento geral produzido pelo signo, enquanto não evento singular. É o refletir sobre o signo, capaz de gerar mudanças de hábitos, conforme o pragmaticismo peirceano (CP 5.414). Nesse caso, a reflexão deliberada sobre um filme, livro ou ato é a tradução desse interpretante, posto que não é uma reação singular, mas o efeito lógico na mente do espectador que, com suficiente tempo, pode produzir uma mudança de hábito significativa nesse mesmo indivíduo.

3. Análise das Imagens Filmográficas

A partir da base teórica da fenomenologia peirceana, e seguindo a metodologia proposta por Santaella (2007), iniciamos pela análise da obra cinematográfica *Your Name*. Ao compreendermos o filme ele mesmo como signo, torna-se aparente que este encerra em si interpretantes potenciais que, quando entram em contato com uma mente, vão produzir novos signos, de acordo com a ação do signo. Para seguir o rastro desses signos é primeiro necessário listar e categorizar alguns dos significados potenciais do filme, e para isso lançamos mão da análise semiótica de alguns instantâneos retirados da obra.

Na sua relação com o objeto, o signo pode ser icônico (semelhança pelas qualidades), indicial (por apontar para o objeto) ou simbólico (relação através de uma lei,

ou convenção) (Santaella, 2007). A imagem cinematográfica é predominantemente icônica, já que remete ao objeto físico que a imagem apresenta. No *anime*, entretanto, essa iconicidade é diferente da filmografia regular, já que não se trata da impressão da luz sobre o papel fotográfico ou tira de filme ou sensor digital, mas de uma sequência de desenhos produzida manualmente. O *anime* captura de forma distorcida o objeto, já que passa pela habilidade e estilo do artista. Todos os sons, vozes e elementos da cena são conscientemente escolhidos e inseridos no filme, posto que um elemento acidental, como uma mudança de cor ou uma linha desenhada erroneamente, desapareceria na veloz sequência de *frames* desenhados sem deixar vestígio para o espectador. Sem improvisos, distorções de câmera ou jogos de luz fortuitos, o *anime* é uma imagem cinematográfica muito mais deliberada e controlada que o cinema tradicional com atores e cenários reais.

É interessante notar que o diretor decidiu pelo estilo fotorrealista em seus cenários, como se para ocultar ou borrar a linha entre ficção e realidade. Embora as personagens mantenham traço característico do *anime* contemporâneo (pele clara, olhos grandes e expressivos, traços suaves), *Your Name* apresente clarões de luz em sua “câmera” virtual, o vapor quente da respiração de Mitsuha no vidro do espelho, o grafite riscando irregularmente o papel de Taki... Elementos que emprestam um realismo às cenas coloridas do *anime*, mistura de sonho e realidade que se tornam a marca do filme.

Figura 1 – Taki e Mitsuha



Fonte: Netflix

A **Figura 1**, obtida aos 2m19s do filme, pertence à uma espécie de apresentação dos personagens do filme, ainda não propriamente adentrando a narrativa. É também a primeira aparição de Taki e Mitsuha juntos, tornando-a especialmente interessante. Na seara da qualidade, a imagem é minimalista, utilizando apenas um fundo em degradê indo do azul ao rosa, emprestando serenidade e suavidade à cena. Em contraponto ao jogo de cores horizontal e regular, o centro da imagem é tomado por duas figuras na vertical, em

destaque, uma ligeiramente maior que a outra. As linhas são mais irregulares, formando curvas e ângulos que permitem um jogo de luz e sombra ausente no fundo degradê. As figuras estão próximas, mas não se tocam, permitindo que o olhar consiga distingui-las como formas separadas, rompendo com o jogo do azul e rosa que está ao fundo, tão unidos que se encontram no puro branco ao centro. Finalmente, há a linha sinuosa que se impõe sobre as formas, cruza por trás delas, enlaçando-as. Há um novo degradê, entre tons de vermelho, as voltas e entrecruzamentos da linha contribuindo para complementar o jogo de cores e formas com delicadeza, flutuando no centro da imagem, constituindo um *frame* de contrastes suaves, convidando à contemplação.

Ao permitirmos ao olhar procurar o que é reconhecível como existente, destaca-se imediatamente as figuras centrais como um menino e uma menina, e é possível reconhecer o estilo do *manga* e *anime*, como descrito por Schodt (2012): olhos grandes, rostos expressivos, pele clara e traços leves, por vezes deformando a proporção anatômica para emprestar expressividade simbólica às personagens (fraqueza, vergonha, paixão...).

Novos contrastes se tornam mais discerníveis: estão voltados para direções opostas, de costas um para o outro, um olha para a diagonal superior, outra para a diagonal inferior. Embora trajem roupas similares (que é o comum uniforme escolar japonês), carregam sinais distintos: ele, a gravata; ela, o laço. Finalmente, a forma que os enlaça é um cordão trançado, do tipo que a família de Mitsuha produz, e que tem significativa importância dentro da narrativa.

Finalmente, ao buscarmos generalizações e normas compartilhadas, retornamos às cores, o azul e o rosa, que na cultura ocidental está ligado ao masculino e feminino, respectivamente. Além disso, o azul, conforme Chevalier e Gheerbrant, é “a mais profunda das cores” (2015, p. 107), pois nela o olhar mergulha sem obstáculos, como na imensidão dos céus ou das águas, levando a mente ao estado de contemplação e calma associados ao imaginário e ao onírico. A passagem para o rosa, com o olhar descendo em direção à terra, adiciona calor e agitação perante à infinidade contemplativa do azul, reproduzindo o despertar.

Porém, é o cordão vermelho que tem um caráter simbólico mais profundo, e mais próximo à tradição japonesa. Na cultura do extremo-oriental, o cordão vermelho é o destino inescapável dos amantes que, antes do nascimento, já recebem este laço invisível pela mão dos próprios deuses. O “cordão vermelho do destino” (Chevalier, Gheerbrant, 2015, p. 944) pode esticar por culpa da distância entre os amados, mas jamais se rompe: cedo

ou tarde, irão se encontrar. O vermelho é, na cultura asiática, a cor da felicidade, prosperidade e amor, atando-se com o símbolo do cordão para evidenciar que os dois personagens ao centro da imagem são amantes destinados.

O jogo de contrastes que permeia a imagem é um quadro significativo da situação das personagens em todo o filme: embora enquadrados juntos, não poderiam estar mais distantes. De fato, o contraste entre Taki e Mitsuha é o mote do filme: estão separados pelo espaço, o modo de vida, as experiências, o sexo biológico e, na reviravolta final do filme, até mesmo pelo tempo. A leveza onírica da imagem é corrompida pela tensão das formas opostas: o amor destinado diante dos desencontros da vida. Taki e Mitsuha caminham em direções opostas, e cabe ao espectador acompanhar a narrativa para saber se o cordão que os enlaça sem tocar será suficiente para vencerem essas diferenças e concretizarem esse amor prometido.

Figura 2 – Itomori



Fonte: Netflix

A **Figura 2**, obtida aos 10m51s do filme, é a primeira visão que o espectador tem de Itomori, a cidade natal de Mitsuha, na zona rural do Japão. Novamente, ao iniciarmos nosso olhar pelo que há mais de potencial e de qualidade da imagem, encontramos o azul que toma a maior parte do *frame*. A linha circular que o rodeia forma três planos distintos para a imagem: o verde acima e abaixo, e o azul ao centro, seduzindo o olhar do espectador para suas profundidades. A simetria da imagem é cortada apenas pelas pequenas formas quadradas na parte inferior, quase engolidas pelo verde mas ainda lutando para serem vistas. É uma imagem serena, luminosa e que convida o espectador a descansar o olhar.

Ao começarmos o reconhecimento das formas, percebemos uma paisagem rural típica do Japão. As casas e edifícios públicos entremeados na vegetação, postes de energia quase desaparecendo por entre as árvores, e a mata intocada do outro lado do grande lago que toma a imagem. A construção humana, minúscula perante a imensidão da natureza

que ocupa o quadro, deixa claro o caráter idílico e silencioso da cidadezinha perdida entre as montanhas e a floresta. Mais ainda, para o espectador versado na geografia japonesa, a imagem de Itomori (cidade fictícia da obra) evoca o Lago Suwa, na prefeitura de Nagano (**Figura 3**).

Figura 3 – Lago Suwa



Fonte: TripAdvisor (Disponível em: https://www.tripadvisor.com.br/Attraction_Review-g298117-d1424782-Reviews-Lake_Suwa-Nagano_Prefecture_Koshinetsu_Chubu.html, acesso em 15/04/2020).

Quanto ao olhar generalizante, encontramos na imagem idílica a desolação que Mitsuha sente, aprisionada em uma cidade minúscula perante à imensidão do mundo exterior. A presença agora até opressiva do verde sobre a arquitetura humana revela um aparente desequilíbrio, não uma cidadezinha tranquila na zona rural, mas alguns poucos humanos ainda resistindo em um canto remoto e solitário das montanhas. Diferentemente da inspiração do Lago Suwa (**Figura 3**), Itomori parece ser subdesenvolvida, com prédios antigos, ruas íngremes e natureza quase intocada. Essa impressão será reforçada na descrição de Mitsuha e sua amiga Sayaka fazem da cidade: “Tão pequena e cheia de cobranças, [...] não tem nada aqui nessa cidade, é um fim de mundo. Os trens só passam a cada 2 horas, a loja de conveniência fecha às 9 da noite. Não tem livraria, não tem dentista [...], não tem trabalho, não tem casamento, os dias aqui são tão curtos...”.

Figura 4 – Tóquio



Fonte: Netflix

Em total contraste com a **Figura 2**, a **Figura 4** (32m13s) é uma profusão de cores, formas e linhas, fazendo o olhar saltar de um lado para o outro, ao invés do percurso lânguido e sonhador de antes. Ao tomarmos a imagem com o olhar contemplativo, percebemos a presença das linhas retas que se entrecruzam, verticais e horizontais, enquanto borrões de cores luminosas rompem a escuridão que permeia a imagem, confundindo o espectador. O verde é mantido, como na imagem anterior, mas está confinado a alguns poucos pontos da imagem, ordenado quando, na imagem anterior, era livre para percorrer todo o *frame*. Há uma sensação de ordenação entre as sucessivas formas verticais, no espaçamento regular dos pontos de cor e nas linhas horizontais. Organização, civilização, segurança.

Ao procurar na imagem conexão com os existentes, o espectador pode reconhecer uma grande e moderna metrópole, vias largas e linhas de trem construindo a paisagem urbana. No centro, à direita, o rastro vermelho é típico das fotografias de longa exposição, em que os carros desaparecem da imagem, sendo substituídos pela luz dos faróis, que formam linhas na paisagem. A presença desse detalhe empresta mais realismo ao *frame* desenhado, posto que imita o resultado de uma gravação com uma câmera física. A imagem da avenida com *outdoors* vibrantes se agigantando sobre ela pode remeter à cruzamentos famosos como a Times Square de Nova York, mas os espectadores japoneses podem reconhecer imediatamente os três telões digitais do prédio Yunika Vision em Shinjuku, o coração administrativo e comercial de Tóquio (**Figura 5**).

Figura 5 – Yunika Vision



Fonte: Yunika Vision (Disponível em: <https://www.yunikavision.jp/en/business/>, acesso em 15/04/2020).

Finalmente, ao observarmos a imagem com o olhar generalizante, encontramos no caleidoscópio de luzes (dos *outdoors*, janelas de escritórios nos prédios distantes, o rastro dos carros, a sinalização de trânsito...) a vivacidade das cidades que não param para descansar. No topo da imagem, as letras mostram algumas das mais famosas marcas de

eletrônicos do planeta: Toshiba, Sharp, Sony, Panasonic, símbolos da engenharia eletrônica japonesa que alçou reconhecimento mundial ao lado das grandes marcas ocidentais. São também contraste perceptível com as expectativas de um possível espectador de um cenário asiático: as letras latinas em destaque, a total ausência dos caracteres chineses demonstram claramente que esta capital abandona suas raízes asiáticas para se tornar uma cidade de um mundo globalizado de influência Ocidental.

A vida noturna agitada, a velocidade dos veículos, a natureza contida em pequenos canteiros decorativos espelham a própria vida de Taki, no filme: correndo entre a escola, o trabalho e o serviço doméstico, vivendo em um pequeno apartamento no coração de uma mega-cidade agitada, distante dos pares e incapaz de se comunicar com sua paixão, uma vida isolada e perdida na velocidade fria da metrópole.

Figura 6 – Reencontro



Fonte: Netflix

A última imagem que analisaremos é um instantâneo da cena final do filme (1h40m52s). Aqui, novamente, a imagem está impregnada das qualidades do verde, do azul e do marrom, com linhas retas organizando o olhar. Na zona central da imagem, as linhas se elevam, emprestando à imagem a sensação de ascensão aos céus. A multidão de formas geométricas coloridas forma fila em direção ao azul infinito. Completude silenciosa, em que os elementos parecem finalmente ascender até alcançar seu objetivo.

No campo dos existentes, reconhecemos Taki e Mitsuha, porém mais velhos que nos *frames* anteriores. O terno escuro dele e as roupas maduras dela (além dos cabelos longos e soltos) evidenciam a passagem do tempo. O cenário final, a rua entrecortada pelos raios de sol, parece ser apenas uma rua anônima, mas é ainda uma última cena reconhecível aos que estão familiarizados à geografia urbana de Tóquio. Trata-se da visão do alto da escadaria rumo ao Templo Suga.

Figura 7 – Escadarias do Templo Suga



Fonte: Mikehatsu Anime Journeys (Disponível em: <https://mikehatsu.blogspot.com/2016/09/your-name-suga-shrine.html>, acesso em 15/04/2020).

Nos aspectos de lei, temos o desenlace do destino dos amantes. Sua posição é, até o fim, de contraste: ele acima, ela abaixo na escada; ela de frente, ele de costas para a “câmera”. Mas finalmente se olhando nos olhos, enquanto antes caminhavam em direções opostas na **Figura 1**. A cor vermelha mais uma vez se faz presente, rígida e certa, apontando para baixo, na direção Mitsuha. O cordão vermelho do destino que os uniu através do tempo e da distância agora é curto suficiente para que se encontrem. Da mesma forma, as curvas oníricas e suaves de antes não se encontram presentes: o reencontro não acontece no espaço do sonho, mas na realidade, não no mundo dos espíritos, mas no reino de concreto e metal da metrópole. O local de encontro também é significativo: o Templo Suga é um dos vários templos *shintoiístas* de Tóquio (que também possui templos budistas, igrejas cristãs e muitos outros prédios religiosos diversos). A presença do divino está sempre próxima de Mitsuha nos momentos decisivos de sua vida, como uma recompensa pela dedicação de sua família.

4. Análise dos Comentários dos fãs *Otaku*

Após verificarmos o potencial de significados presentes no filme, através dos instantâneos colhidos, nos voltamos aos fãs da comunidade *Otaku* brasileira e suas impressões sobre a obra. Para tanto, utilizamos a plataforma *YouTube* de distribuição de vídeos para encontrar resenhas e comentários do filme criadas pela comunidade. Destes, selecionamos três vídeos, cada um de um produtor diferente, como pontos de partida. Os canais selecionados foram Intoxi Anime (“OS MISTÉRIOS E FINAL de Kimi no Na Wa EXPLICADOS”), Yo Ban Boo (“Your Name (Kimi no na wa) é a História de Amor Definitiva – Yo Reviews”), e Meteoro Brasil (“Kimi no na wa: Um Japão em Extinção #meteoro.doc”), que figuram entre os maiores canais *Otaku* do país, com mais de 50 mil inscritos cada, e cujos vídeos sobre o filme tiveram mais de 300 mil visualizações cada.




A partir dos comentários deixados em vídeo, selecionamos os 50 primeiros comentários por vídeo, totalizando 150 comentários, e os classificamos entre interpretantes emocionais, enérgicos ou lógicos, seguindo a classificação delineada por Santaella (1995), baseada na obra peirceana. Desta maneira, objetivamos verificar se os membros da comunidade *Otaku* brasileira conseguem alcançar interpretantes lógicos, que correspondem ao potencial de mudança de hábitos e continuidade da semiose, indício claro que sua relação com o filme é mais que mero encantamento com o visual da obra ou com o desenrolar da narrativa.

Figura 8 – Distribuição dos Comentários



Fonte: do autor

Quadro 1 – Exemplos de comentários

Tipo de Interpretante	Exemplo de Interpretante
Interpretante Emocional	 Gabii Zanda 8 meses atrás (editado) Eu AMOOOOO esse filme, a música tema é tão maravilhosa.♥ Eu entendia pouco do sentido e significado do filme e agora piorou kkkkk minha cabeça bugou mais ainda agora kkkkkkkk Mas amei o vídeo, com as imagens e tudo mais!👍
Interpretante Energético	 Dragões do Gameplay da Música 1 ano atrás Na parte em que ela abre a mão pra ler o nome dele eu simplesmente tive que dar pause e ir pra cama mano. Eu fiquei uns 20 minutos chorando e soluçando por que eu não tava acreditando no quão bela aquela história estava sendo. Histórias de romance assim sempre me afetam muito, porém sou grato ao filme, pois durante a madrugada em que eu passei chorando, senti que aquilo estava sendo um dos melhores momentos da minha vida.
Interpretante Lógico	 Reylla Rayana 1 ano atrás faltou explicar o por que do fio vermelho do cabelo dela, que é uma simbologia belíssima e que realmente explica o filme por si só

Fonte: do autor. Imagens retiradas do YouTube.

Nos comentários com interpretantes emocionais, maioria absoluta na coleta (79, dos 150), predomina a emoção pela história de amor, rica em momentos de fragilidade e conexão com as personagens, mas também o encantamento pela arte do filme, suas paisagens e estética em geral. Já nos interpretantes enérgicos, que foram mais esparsos (24), há reações diretas à história, inclusive pausar o filme para chorar; gritar com as personagens; ou ainda procurar mais explicações para o filme (fato que trouxe muitos dos fãs para os vídeos mencionados). Finalmente, os interpretantes lógicos não tiveram tanta presença como os emocionais (47), mas estiveram presentes nos três vídeos, conforme os comentaristas analisaram a história, a produção e até mesmo chegaram a esmiuçar parte da simbologia contida na obra, de que discorremos na seção anterior.

Considerações finais

Ao contemplar o filme ele mesmo enquanto signo, deixamos aflorar seu potencial de significados – guiados, porém não restritos, pelo conhecimento prévio da narrativa. É uma análise incompleta, posto que o signo está sempre em movimento, tendendo ao infinito, mas que tenta abarcar as múltiplas potencialidades a partir do olhar japonês e também ocidental. Feito isso, ao analisarmos os comentários deixados pelos espectadores do filme, partindo do mesmo referencial teórico, conseguimos demonstrar com razoável certeza quais dessas potencialidades que se concretizaram em interpretantes concretos e, a partir daí, extrair significado dessa empreitada.

Your Name é, essencialmente, um filme japonês. Para além da técnica de animação utilizada, das canções mantidas na língua original e do esparso vocabulário estrangeiro que consegue perfurar a tradução dublada ou legendada da *Netflix*, a visão de mundo japonesa penetra todas as instâncias do filme, tanto no desenrolar da narrativa como na própria escolha de elementos para compor a imagem cinematográfica. Posto que, na animação, não há a presença de elementos fortuitos ou inesperados, a escolha da geografia urbana e rural do Japão para compor a cenografia da obra – quando o repertório de imagens para o desenho é virtualmente infinito – diz muito sobre a obra.

A predominância da iconicidade, reforçada pela imitação fotorrealista da paisagem no traço do desenho, dá referência direta ao Japão contemporâneo em todos os quadros do longa-metragem. Tais locais parecem estar além do conhecimento usual dos brasileiros, mesmo nos fãs da comunidade *Otaku*, que pouco reconheceram os pontos turísticos apresentados no filme. Da mesma forma, as imagens cinematográficas são imbuídas de símbolos exclusivos da cultura e religião japonesas, principalmente do *shintô*, como o cordão que liga os amantes, os templos sagrados da religião *shintôísta*, as cores e outros elementos que não estavam nas imagens selecionadas para este artigo, mas que também pertencem à simbologia japonesa como o *kuchikamizake*, o crepúsculo associado à união do mundo terreno ao dos espíritos, e o próprio meteoro que dá mote à trama.

No entanto, esse rol de imagens aparentemente significativo apenas aos japoneses é absorvido na comunidade *Otaku* do Brasil para além da mera contemplação (Primeiridade) ou reconhecimento bruto (Secundidade), mas os fãs conseguem alçar interpretantes lógicos significativos, demonstrando sua capacidade de articular com a obra no nível da Terceiridade. Ao apresentar tais interpretantes, é possível divisar, pelo

pensamento peirceano, que *Your Name*, mesmo em sua profunda orientalidade, é capaz de produzir mudanças concretas em seus espectadores brasileiros, que se explicitam nos comentários deixados sobre o filme na plataforma YouTube. Para Peirce, esse é o papel real de uma Comunidade. As implicações disso serão explicitadas em pesquisas posteriores, mas esta exploração inicial através do filme *Your Name* (ou *Kimi no na wa*, como os próprios *Otaku* preferem chamar a obra) apresenta indícios interessantes de uma aproximação Brasil-Japão através do entretenimento, que produz mais que simples passatempo.

Referências

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos**: mitos, sonhos, costumes, formas, figuras, cores, números. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2015.

HARDWICK, Charles (ed.). **Semiotics and Significs**: The Correspondence between Charles S. Peirce and Victoria Lady Welby, Indiana University Press, 1997.

INTOXI ANIME. OS MISTÉRIOS E FINAL de Kimi no Na Wa EXPLICADOS. **YouTube**, 2017. Disponível em: <https://youtu.be/IGfLJDzQquk>, acesso em 15/04/2020.

METEORO BRASIL. Kimi no Na wa: UM JAPÃO EM EXTINÇÃO #meteoro.doc. **YouTube**, 2019. Disponível em: https://youtu.be/CbAkTa_6vdU, acesso em 15/04/2020.

PEIRCE, Charles S. **Collected Papers**. Hartshorne, C. e Weiss, P. (eds.) (v 1-6) e Burks, A.W. (ed.) (v. 7-8). Cambridge: Harvard University Press, 1931-1958. (Aqui referido como CP, seguido do número do volume, ponto e número do parágrafo).

PEIRCE, Charles S. **Manuscritos Inéditos**, s.d. (Aqui referido como MS, seguido da numeração do manuscrito)

SANTAELLA, Lúcia. **A Teoria Geral dos Signos**: semiose e autogeração, São Paulo: Ática, 1995.

SANTAELLA, Lúcia. **Semiótica Aplicada**, São Paulo: Thompson, 2007.

SCHODT, Frederik L. **Manga! Manga! The world of Japanese comics**. Nova York: Kodansha USA, 2012.

YO BAN BOO. Your Name (Kimi no na wa) é a História de Amor Definitiva. **YouTube**, 2017. Disponível em: <https://youtu.be/SeH979L3OOo>, acesso em 15/04/2020.